



Trilha do Minério: grande reportagem na web¹

Mateus Fagundes Carvalho²

Simião Davi Castro de Paula³

Ricardo Augusto Silveira Orlando⁴

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Grandes reportagens se consagraram na história do jornalismo, especialmente nas revistas impressas. Com o jornalismo na web, por vezes, questiona-se como a reportagem pode se adequar às novas mídias e os seus potenciais. A “Trilha do Minério” é uma grande reportagem em série, diária, que busca discutir crítica e aprofundadamente a mineração em seus aspectos históricos, econômicos e sócio-ambientais. O trabalho segue o trajeto que o minério de ferro faz das montanhas de Minas Gerais até sua exportação pelos portos de Vitória e Anchieta, ambos no Espírito Santo. Os autores percorreram a “Trilha” entre fevereiro e março de 2012, como parte da produção do Trabalho de Conclusão de Curso. A reportagem procurou explorar as potencialidades de formatos e possibilidades da web, das redes sociais e dos recursos multimídia que a internet como plataforma oferece.

PALAVRAS-CHAVE: Internet; Mineração; Multimídia; Reportagem; Web-revista.

1 INTRODUÇÃO

A abertura da internet nos anos 1990 quebrou paradigmas das mídias tradicionais – impressas e audiovisuais. Se antes o destinatário da mensagem ficava principalmente na posição de consumir a informação ou produto midiático, com poucas possibilidades de interferência, com o processo estabelecido neste espaço virtual, ele passou a poder interagir, modificar e criar o próprio conteúdo, em especial após a chamada web 2.0 (O’Reilly, 2005). Com o jornalismo não foi diferente. A origem dos blogs e seu uso para fins jornalísticos estabelece uma nova compreensão da posição do leitor/espectador. Por ser a web um meio capaz de múltiplas possibilidades de formatos e usos, não cabe nela imaginar fórmulas pré-estabelecidas e parâmetros bem definidos.

É nesse contexto que surge a web-revista Dois Pontos (www.revistadoispontos.com). Idealizada por alunos do curso de Jornalismo da

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria PT, modalidade Produção multimídia (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 9º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: mateusfagundes.jornalismo@gmail.com

³ Estudante do 9º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: simiaocastro@gmail.com

⁴ Professor orientador do Curso de Jornalismo, email: ricarddo.augustto@yahoo.com.br



Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), ela pretende explorar as potencialidades do jornalismo na web. Usada como plataforma para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ela é espaço de experimentação de recursos e de narrativas jornalísticas. A reportagem tem, por décadas, as revistas impressas como local privilegiado. A possibilidade de apuração, de aprofundamento de questões e de um texto mais sofisticado chama-nos a atenção neste gênero jornalístico. Decidimos, então, fazer uma experimentação de formatos. Realizamos uma reportagem em série que, ao mesmo tempo, preservou as características tradicionais do gênero impresso, mas também incorporou as possibilidades narrativas de outros meios.

2 OBJETIVO

A reportagem em série “Trilha do Minério” (<http://goo.gl/Rmfie>) é um produto realizado como TCC que procurou usar as possibilidades e potencialidades que o jornalismo na internet oferece aos internautas. Se “a *‘blogsfera’* pode ser pensada como um novo meio de comunicação entre usuários” (O’Reilly, 2005), e é usada para propagação de conteúdo de caráter jornalístico, porque não admitir que uma estrutura linear e/ou navegável – personalizável – do blog, acerca de determinados assuntos que se correlacionam formando um conjunto complexo e organizado, pode ser chamado de “grande reportagem”? A série procurou experimentar os percursos de uma grande reportagem na web, visto que ainda são poucos os exemplos de reportagens neste formato e na plataforma utilizada.

3 JUSTIFICATIVA

O curso de Jornalismo da UFOP tem se destacado pelo olhar sensível dos alunos e dos professores sobre a região, não só em seus problemas, mas também sobre suas riquezas e peculiaridades. Em 2010 a Vale iniciou processo para retomar as atividades na Mina Del Rey, a cinco quilômetros do centro histórico de Mariana-MG. Moradores se reuniram na associação Mariana Viva tentando barrar os anseios da empresa. Alegavam que as riquezas naturais da cidade e a qualidade de vida da população estavam ameaçadas. Os que defendiam as atividades minerárias ressaltavam a geração de empregos e o aumento na arrecadação da Prefeitura.

O assunto se insere em um contexto mais complexo que envolve praticamente todos os municípios do Quadrilátero Ferrífero, a maior estância mineral do Sudeste do país e uma das maiores do mundo. De um lado, as mineradoras expandem suas atividades por

todo o território. De outro, cidades enfrentam, cada vez mais, problemas urbanos decorrentes de altas taxas de crescimento, não aliadas a políticas públicas adequadas, e disputas pelo uso de recursos básicos como o solo e a água.

Na procura pelo tema de uma reportagem em série para o TCC, identificamos que o minério de ferro seria um assunto com fôlego para ser trabalhado, e entendemos que valia a pena não apenas focar em Mariana, mas acompanhar o trajeto que o minério faz das montanhas até a exportação. E as cadeias produtivas das quais o metal participava e os retornos que trazia ao município e ao país.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A “Trilha do Minério” foi apresentada em três semanas pela web-revista Dois Pontos. Por meio de um elemento como o ferro – e dos seus aspectos ambientais, sociais e econômicos –, buscou-se formular uma narrativa com base nos conceitos clássicos de reportagem aplicando-os para o contexto da informação na web.

A reportagem é muitas vezes definida em contraposição à notícia, com temporalidade e extensão diferenciadas. “O ontem é o tempo da notícia. Reportagem pode passear por vários tempos, é lenta na investigação e longa na escrita” (Magno, 2006, p. 15). Mais que isso, é um olhar apurado, um envolvimento denso do repórter com a realidade. Reportagem, continua Magno, “exige olho de surpresa durante a apuração e esmero na escritura. Enche de lama a alma do repórter e carrega o leitor para outras terras mostra-lhe o perfume e o fedor, as marias, os josés e os senhores, o lixo e o luxo destas novas paisagens [...]” (Magno, 2006, p. 15)

Os manuais de redação da grande imprensa dão um pouco da dimensão que a reportagem tem para os veículos que a publicam. O Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo (1995) vai um pouco além na discussão e alega que

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo. (Martins, 1995, p.254)

Deste modo, em oposição à notícia que depende do fato para existir em si (e da resposta às questões do lead – o quê, quem, como, quando, onde e por quê), a reportagem

depende do modo de narrar. Conforme Vilas Boas (1996), a fabricação de uma reportagem não prescinde de uma boa apuração, como todo o jornalismo, mas também da forma com que isso é apresentado: “A informação pesquisada em arquivo e a apuração são seus principais ingredientes, que, como na receita de um prato requintado, vão carecer de um bom tempero. O desenvolvimento do seu texto exigirá recursos estilísticos de toda natureza. Sem eles, o tempo fica adormecido e o espaço, sem vida.” (Vilas Boas, 1996, p. 15)

A imersão do repórter em um determinado assunto e com o objetivo de extrair dele o tema para uma reportagem provoca uma mudança no jeito de narrar. Ao utilizar o seu olhar como filtro para os fatos, o repórter transcende a sua posição de relator para a função de narrador. A reportagem e a notícia, portanto, se diferem não apenas na questão de extensão, mas no modo com que o fato é contado e nos objetivos que esta narração é feita. Por isso, conforme Cláudio Abramo, “a reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la.” (Abramo *apud* Magno, 2006, p. 31)

Embora a reportagem também esteja presente no jornal impresso, no rádio e na TV, há nas revistas a possibilidade de se trabalhar mais o texto com mais espaço e mais tempo de apuração, o que Vilas Boas (1996) chama de “Estilo Magazine”. Para ele, o estilo jornalístico está ligado à literatura e, no caso das revistas, segue padrões incompatíveis com a velocidade, dinamismo e padronização do jornalismo diário (Vilas Boas, 1996, p.40). Conforme o autor, as revistas exigem textos elegantes e sedutores, com regras menos rígidas e conciliação de técnicas jornalísticas e literárias. O “estilo magazine”, diz ele, “guarda suas especificidades, na medida em que pratica um jornalismo de maior profundidade. Mais interpretativo e documental que o jornal, o rádio e a TV; não tão avançado e histórico quanto o livro-reportagem. (Vilas Boas, 1996, p. 9)

Como geralmente neste gênero jornalístico o texto é mais longo e trabalhado, o planejamento é essencial tanto para uma série - como a Trilha do Minério - quanto para uma reportagem isolada. Humberto Werneck, editor da Playboy citado por Vilas Boas, defende a necessidade de um roteiro para matérias longas, como um “plano de vôo” para organizar informações e pensamentos. “É preciso que o texto, mesmo sinuoso, escorra sem descontinuar.” (Werneck *apud* Vilas Boas, 1996, p. 14)

Se no início o que era chamado de jornalismo online não passava da transposição da íntegra das matérias publicadas nos jornais impressos para a web, já há um bom tempo a percepção é a de que os conteúdos criados para a plataforma devem ser pensados e produzidos de forma a aproveitar suas potencialidades. Há que se atentar para características como a “multimedialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória” (Palacios apud Mielniczuk, 2003, p.40) que essencialmente diferenciam o conteúdo publicado na web daquele que é produzido fora da rede.

O jornalismo enfrenta a necessidade de se reinventar dia a dia, encontrar meios e formas de se inserir e continuar relevante nesse ambiente. Trazer para perto de si os internautas que produzem conteúdo para que, a partir deles, possam surgir novos temas a se tratar, também é uma necessidade. O caminho inverso é igualmente válido. Contribuir, muito mais do que concorrer: processos multi-interativos envolvendo o leitor, a publicação, o jornalista e outros leitores (Mielniczuk, 2003). A “Trilha”, procurou abrir possibilidades de interação, por meio da navegação pelo conteúdo de forma não-linear – proporcionada pelos hiperlinks, categorias e *tags* –, ou por meio das caixas de comentários e Facebook.

Quando da coleta do material uma pergunta básica norteou o processo (posterior) de edição: “Qual é a melhor forma de mostrar isso?”. Levantando a discussão sobre como cada conteúdo pode ser melhor aproveitado midiaticamente. Razão pela qual escolhemos a internet para hospedar o projeto, vendo-a como plataforma - e não como meio - na qual seriam possíveis as mais diversas formas de abordagem e tratamento do material. Na prática, optamos por gravar em vídeo todas as entrevistas possíveis. A intenção era que pudessemos determinar se o conteúdo deveria ser usado como vídeo ou transformado em texto; eventualmente, utilizar apenas o áudio; ou ainda criarmos infográficos com as informações; ou, mais que isso, todos esses juntos. Ver, assim, o conteúdo de maneira que as diferentes estruturas de linguagem e formatos pudessem tecer um todo informativo mais completo e variado, um produto convergente. “Talvez estejamos caminhando para uma ruptura em que a célula informativa, em vez de ser ou um texto escrito, ou som, ou imagem, é um texto híbrido” (Mielniczuk, 2003, p.188).

A “Trilha” procura explorar a hibridez que a web pode proporcionar. “(...) Para que um produto, efetivamente, explore as características da escrita digital, não basta que ele seja escrito digitalmente, é preciso, também, que ele seja pensado de acordo com os

parâmetros e possibilidades do suporte digital.” (Mielniczuk, 2003, p.178) Por meio do blog WordPress, utilizado na Dois Pontos, foi possível explorar tais parâmetros e possibilidades.

Optamos por postagens diárias para a “Trilha do Minério”, e mais de um post no mesmo dia – com forte afinidade temática –, aproveitando ao máximo as possibilidades de hipertextualidade entre eles. Outra razão pela qual fez-se essa escolha foi a maneira de ver a reportagem em série – na essência do termo. Procuramos trazer influências de novelas e seriados de TV para a “costura” das postagens, com narrativa capaz de instigar o leitor a acompanhar a série, revelando os dados e informações aos poucos. Vimos cada dia de postagem como um capítulo na construção da história. Acreditamos que, dessa forma, exploramos bem a característica dos blogs de serem atualizados todos os dias, além de possibilitarmos que o leitor fiel à “Trilha” pudesse ter papel protagonista, comentando, sugerindo, criticando, influenciando no conteúdo que seria disponibilizado no dia seguinte.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O projeto começou a ser idealizado em maio de 2011. Da escolha do tema, passamos pela discussão e embasamento teórico, aliados à pré-produção. Entre novembro e janeiro de 2012 foi feito o levantamento de informações, confecção das pautas e definição da rota de viagem e roteiro de produção a ser seguido. Entre fevereiro e março, a viagem, a “Trilha”. Logo após, começa o processo de edição do material. Depois da greve das universidades federais, novos assuntos foram incorporados, demandas surgiram e a postagem da série foi programada para janeiro de 2013. Foram 33 postagens diárias, em três eixos: montanhas, trem e portos.

A reportagem procura abordar o tema de forma mais próxima das pessoas, humanizando o trabalho e as diversas dimensões da mineração. No ponto de partida do trajeto, Mariana-MG, tanto a exploração do minério como as consequências que ela traz seriam abordadas. De lá, seguimos para Belo Horizonte, onde pegamos o trem da Estrada de Ferro Vitória a Minas até Ipatinga, falando sobre a importância da ferrovia para a mineração, para Minas e o país. No Vale do Aço, a proposta foi abordar o desenvolvimento da indústria nacional de siderurgia, setor ligado ao de mineração. De lá, partimos para Vitória-ES, onde levantamos a exportação do ferro e dos efeitos de sua presença. Por fim, Anchieta-ES, cujo desenvolvimento regional decorre em parte da presença da indústria de pelotização da Samarco e de seu porto de embarque de minério.

Com a consciência de que a pauta é para o jornalismo a linha definidora dos rumos de uma reportagem, entendemos que em uma experiência em grande reportagem ela auxilia na execução das etapas, colocando objetivos específicos e metas a se cumprir. No entanto, a pauta não deve estabelecer limites. Baseados nisso, optamos por adotar um modelo de pauta que ao mesmo tempo estabelecia metas e prazos, mas também deixava questões em aberto, para que durante a viagem outros temas e assuntos pudessem ser incorporados pelas matérias. Ao final do trajeto, mais de 1200 km foram percorridos: de trem, de ônibus, de carro e, até mesmo, à pé. Quatro cidades visitadas em Minas Gerais – Mariana, Ouro Preto, Belo Horizonte e Ipatinga – e três no Espírito Santo – Vitória, Vila Velha e Anchieta.

Terminada a viagem, a equipe identificou ainda a necessidade de aprofundar temas e apurar assuntos correlatos realizando mais entrevistas. Entre outras demandas, a principal era a visita ao complexo industrial de uma das mineradoras que atuavam na região. Fizemos contato com a Samarco Mineração e visitamos suas instalações em Mariana, onde coletamos imagens e informações da estrutura utilizada pela empresa para a exploração, processo produtivo e o escoamento do minério de ferro.

As entrevistas deram origem ao documentário “Sou mineiro e sou de ferro” (<http://revistadoisPontos.com/trilha-do-minerio/sou-mineiro-e-sou-de-ferro>), dividido em quatro partes, e aos vídeos sobre Ipatinga. Foram feitas também entrevistas com a economista e pesquisadora do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais, Fabiana Borges, e com a ambientalista do Movimento Pelas Serras e Águas de Minas, Maria Tereza Corujo, a Teca do Gandarela, que foram realizadas em novembro de 2012. Neste processo, os livros “Rio Doce: a espantosa evolução de um vale”, do jornalista Marco Antônio Tavares Coelho, e “Companhia Vale do Rio Doce: 50 anos de história”, organizado pelo jornalista Renato Feliciano Dias, ajudaram a garantir o embasamento histórico, presente desde o primeiro planejamento da reportagem, e ampliar a discussão do caminho que o minério segue de Minas até o exterior. Marco Antônio Tavares Coelho foi entrevistado, à época das postagens, como forma de aprofundar alguns aspectos da série.

As postagens diárias tiveram início em 20 de janeiro de 2013 e término no dia 8 de fevereiro de 2013. A primeira parte das postagens foi definida para ser relativa às “montanhas”, com os aspectos econômicos da mineração, o processo de produção, a

formação do modelo minerário e os impactos dela na cidade de Mariana. Em um segundo momento, as discussões focaram “o trem”, com o histórico da Estrada de Ferro Vitória a Minas, os personagens que encontramos nela, a descoberta e evolução do Rio Doce e o panorama da cidade de Ipatinga, centro econômico do Vale do Aço mineiro. Por fim, “os portos” trouxeram a dimensão da discussão não apenas geograficamente, com a abordagem das problemáticas dos portos de Tubarão, em Vitória (ES), e o porto-pelotização de Ubu, em Anchieta (ES). E, uma vez que os portos são terminais de embarque, locais em que se estabelecem trocas de mercadorias, esta seção na reportagem também seria local em que a discussão traria a troca de experiências de todas as postagens, amarrando aspectos econômicos e ambientais, como o problema da relação entre água e mineração, uma das mais relevantes encontradas durante o trabalho.

O site teve em média duas postagens por dia, com chamadas respectivas para a página da revista no Facebook (<https://www.facebook.com/webdoisPontos>). A proposta foi fazer circular o material não apenas na web-revista, mas também deixá-lo atualizado e disponível para compartilhamentos e discussões nas redes sociais da internet.

A postagem que deu partida na série fez uma prévia do problema da mineração, trazendo dados das discussões que seriam levantadas ao longo da “Trilha”. Textos, vídeos, mapas georreferenciados, infográficos, imagens, podcasts e linha do tempo do Facebook foram utilizados para dar alcance, relevância e garantir ao internauta da web-revista uma navegação facilitada e ao mesmo tempo aprofundada a respeito dos temas.

Para a “Trilha do Minério”, muitas ferramentas foram necessárias. Procuramos aplicativos que pudessem ser incorporados à codificação da web-revista sem dificuldades, que estivessem “à mão”, que fossem fáceis de operar e que nos atendessem midiaticamente.

Para as transmissões de áudio e vídeo utilizamos, respectivamente, os serviços *Soundcloud* (<http://soundcloud.com>), espécie de rede social na qual os usuários montam canais e fazem upload de arquivos de áudio; e o *Youtube* (<http://youtube.com>), consagrado serviço de hospedagem de vídeos do *Google*. Em ambas as ferramentas criamos perfis para a Revista Dois Pontos, fizemos o *upload* dos arquivos e usamos um código de incorporação para inserir os áudios e vídeos nas postagens na página do blog – processo repetido em todas os demais serviços que utilizamos.

Nos mapas georreferenciais, a opção foi o *Google Maps* (<http://maps.google.com>), aplicação que possibilita a confecção de mapas de todo o planeta. Para interfaces gráficas mais sofisticadas, a alternativa escolhida foi o *Prezi* (<http://prezi.com>). O serviço é uma plataforma de formatação de apresentações de slides que a utilização de *zoom* na apresentação.

Para exposição de dados, usamos o *Infogram* (<http://infoagr.am>), serviço que fornece gráficos organizados, elucidativos e fáceis de montar. Utilizamos também galerias de imagens pelo *Flickr* (<http://www.flickr.com>), rede social de fotógrafos, na qual é possível hospedar imagens, criar álbuns e transformá-los em apresentações animadas, mostrando sequência de fotos com legendas e informações individuais de cada imagem.

Usamos o uma *timeline* do *Facebook* e mostramos a cronologia da mineração no Brasil ao criar a página “Mineração é o negócio” (<http://goo.gl/91wRe>). Nela é possível interagir de forma mais direta com as postagens, curtindo e comentando, além de compartilhar o conteúdo na rede social.

As ferramentas auxiliam a editar os dados. Transformar aquilo que, por exemplo, dificilmente pudesse ser descrito com texto em uma animação com elementos gráficos, visuais e textuais que possibilitam melhor apreensão daquele determinado conteúdo. O valor embutido nesses serviços está ligado à possibilidade que se abre ao utilizá-los tornando a informação mais acessível ao leitor. Outro aspecto é o aproveitamento do espaço multimídia que é a internet. Não seria razoável que nos propuséssemos a realizar um projeto na internet e não aproveitássemos as potencialidades da plataforma. A partir de Longhi (2010), a “Trilha” poderia ser considerada um tipo de grande reportagem multimídia, um especial que busca, na medida do que discute Salaverría (*apud* Longhi), uma abordagem de integração de elementos multimídia. Mais do que isso, trabalha numa perspectiva de convergência de linguagens e formatos e também de gêneros jornalísticos, como o documentário e a entrevista, entre outros (Longhi, 2010).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Trilha do Minério” trabalhou com uma perspectiva jornalística que, em primeiro lugar, procurou partir dos princípios básicos da apuração e da construção da boa reportagem, do bom jornalismo. Lembrando que a reportagem está essencialmente ligada ao modo de narrar, de contar a história, o projeto decidiu explorar as ferramentas,



experimentalizar formatos e construir uma narrativa que não só pudesse aproveitar as potencialidades da plataforma, mas conseguisse expandir os modos de dizer as diversas informações e perspectivas do tema, explorando as linguagens textuais, visuais e audiovisuais em seus múltiplos formatos, hibridações e condições de existência na web: fotografia, infográfico, texto, vídeo, som, mapas, hipertexto, blogs, redes sociais etc.

Pode-se considerar que, como todo trabalho jornalístico, os preceitos da prática respeitados e o levantamento amplo e detalhado que a grande reportagem exige, é importante poder contar com um meio como a web, envolta em tantas possibilidades de experimentação e expressão, em tantos espaços e modos de circulação confluentes. Ainda há muito a se explorar sobre potencialidades midiáticas da grande reportagem na web. Ao utilizar os recursos possíveis na web no projeto Trilha do Minério, pudemos alcançar melhores resultados na apresentação do material bruto coletado, de maneira a aproximar o internauta, tanto da experiência da viagem pela trilha, quanto da informação produzida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LONGHI, Raquel. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. *Estudos em Comunicação*, nº7, v.2, p.149-161, mai/2010.

MAGNO, Ana Beatriz. A agonia da reportagem: das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos. 2006. 168 f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.

MARTINS, Eduardo (org). Manual de Redação e Estilo do Estadão. São Paulo: Estado, 1995. Disponível em <http://www.estadao.com.br/manualredacao/> (acesso em 20/03/2013)

MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo o formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_mielniczuk_tese.zip (acesso em 22/04/2013)

O'REILLY, Tim. *O que é Web 2.0?* Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software, 2005. Disponível em <http://www.montanaagriculture.com.br/imagens/downloads/837105.pdf> (acesso em 22/04/2013)

VILAS BOAS, Sergio. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.